

Enéas Athanázio

colunista
Enéas Athanázio
e.atha@terra.com.br

“Geração do Deserto” - 45 anos

Publicado em primeira edição no ano de 1964, pela Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, “Geração do Deserto”, de autoria de Guido Wilmar Sassi, está completando 45 anos. Segundo a crítica, o livro não despertou na época o interesse que mereceria, talvez pela circunstância negativa de ter surgido num ano turbulento em que se implantava o regime autoritário no país e a tensão social reinante era grave. Aos poucos, porém, a obra se impôs, mereceu diversas edições, tem sido objeto de inúmeros estudos e foi adaptada para o cinema pelo cineasta Sylvio Back, em 1971, com o título de “A Guerra dos Pelados.” O tempo fez justiça e compensou a frieza com que o livro foi recebido.

“Geração do Deserto” é um romance histórico, o primeiro que surgiu sobre o Contestado, e que abriu os caminhos para as produções posteriores. Ainda que seja obra de ficção, os eventos e personagens mais significativos são reais, contracenando no mesmo plano com outros que foram criados pela fértil imaginação do ficcionista. Escrito em linguagem clara e direta, o romance descreve em linhas gerais tudo que aconteceu de importante durante o conflito que teve início em 1912 e perdurou até 1916, com passagens épicas mescladas com outras românticas, a pura violência e o amor verdadeiro. Transparece uma evidente simpatia do autor pelos seres anônimos, personagens sem história e sem importância, envolvidos pela guerra brutal que os cerca e orienta suas vidas por caminhos nem sempre desejados. Sabe pintá-los com ternura e emoção.

O romance foi dividido com habilidade em quatro partes, cada uma delas focalizando os momentos decisivos da guerra. Assim, a primeira diz respeito a Irani, onde se feriu o encontro das tropas oficiais com os revoltosos comandados pelo monge José Maria, ocasião em que tanto este como o coronel João Gualberto, comandante da força repressora, pereceram, fato surpreendente e que imprimiu ao conflito rumos totalmente inesperados. O combate fatídico aconteceu a 22 de outubro de 1912, embora os relatos registrem que o monge tudo fez para evitá-lo, iniciando-se aí a guerra até então esboçada. José Maria, o monge guerreiro, seria na verdade Miguel Lucena de Boaventura, desertor da Força Pública do Paraná, e que residia no distrito de Espinilho, no município de Campos Novos, onde se notabilizara como “remedieiro” de múltiplos recursos. Era um homem baixote e corpulento, retaco,

de pernas e braços curtos, mas infundia respeito e admiração, sendo seguido sem pestanejar pelos fanáticos.

As partes seguintes dizem respeito a Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria. Entre esses redutos e outros menores decorriam as incessantes hostilidades, cobrindo enorme extensão territorial. Os jagunços, conhecedores do terreno, praticavam uma guerra móvel, espécie de guerrilha, em que a surpresa das tocaias desnor-teava o inimigo. Atiravam de cima das árvores, nos desfila-deiros estreitos, nos carreiros fundos, escondidos pelo mato e as baixas eram numerosas. Estimulados pela crença no retorno de José Maria, continuador do monge João Maria, os fanáticos lutavam como feras. Em suas almas toscas se misturavam o misticismo, as crenças e as superstições, o ódio aos paranaenses invasores, aos “americanos” (aí entendidos os funcionários da Lumber e das empresas colonizadoras) e aos “peludos” em geral e crepitava a esperança de um mundo melhor em que pudessem viver em paz nas suas terras sem que fossem incomodados pela Companhia Lumber e pela estrada de ferro. Mas a Guerra Santa, como todas as demais guerras, acabou em imensa tragédia. Corre então a notícia da rendição dos revoltosos. “Confirmada a notícia – escreveu o romancista, - a rendição aceita, começam a chegar as primeiras levas de jagunços. Gente aleijada, semimortos de fome, disenteria, tifo e varíola; a maioria velhos, mulheres e crianças. Pelo acampamento desfilou aquele ror de trôpegos, macilentos e esfomeados – o saldo de quatro anos de guerra” (p. 152). Mortos ou aprisionados os líderes, o movimento se extinguiu mas os acontecimentos marcaram para sempre a alma do sofrido povo da região. E Guido Wilmar Sassi, neste romance seminal, registrou como ninguém os percalços do maior movimento de insurgência civil da história nacional.

R. Magalhães Júnior foi um profundo estudioso de nossa literatura e fino observador dos bastidores da vida literária. Suas obras, em particular as biografias, nunca se limitaram a reconstituir a vida do biografado e analisar sua produção. Elas descrevem o cenário onde o biografado se movimentava e os personagens que o habitavam.

Informa ele, por exemplo, que o poeta e médico catarinense Luís Delfino foi homem discreto e comedido ao extremo, sendo quase impossível arrancar dele alguma opinião sobre seus



contemporâneos ou um julgamento de suas obras. Exercia nesse campo a mais refinada diplomacia. Revelava, porém, preocupação com o destino de seus poemas, espalhados nas páginas dos jornais e jamais reunidos em livro durante sua existência.

Relata também que o escritor catarinense Virgílio Várzea se inscreveu a uma vaga da Academia Brasileira de Letras, tendo como concorrentes João do Rio (Paulo Barreto) e o Barão de Jaceguai, herói naval da Guerra do Paraguai, e já septuagenário, em favor de quem havia intenso trabalho de bastidores. Reconhecendo a dificuldade do pleito, tanto João do Rio como Virgílio Várzea retiraram as candidaturas, deixando livre o caminho para a eleição do Barão. João do Rio seria eleito, mais tarde, com menos de trinta anos de idade. Várzea, ao que parece, não voltou a se inscrever.

Através do advogado e veterano colunista do jornal “O Comércio”, recebi um exemplar da “Revista da Academia de Letras do Vale do Iguaçu”, instituição com sede nas cidades gêmeas de Porto União e União da Vitória. Constatei com satisfação que foram homenageados como patronos os professores Fr. Libório Lueg e Estevão Juk, ambos meus mestres nos dias de colégio, o Prof. Alvir Riesemberg, também médico, amigo de meu pai, com quem tive o prazer de trocar cartas e manter longas palestras, e o historiador Cyro Ehlke. Como acadêmicos, encontrei Fahena e Paulo Horbatiuk, professores, Joaquim Osório Ribas e Willy Carlos Jung, ambos contemporâneos de colégio, Odilon Muncinelli, Cordovan Frederico de Melo Júnior, Francisco Filipak, Fernando Tokarski e Nelson Antônio Sicuro, todos amigos de diferentes fases. A publicação contém ainda numerosas informações sobre a entidade desde sua fundação.

Alemão que se aventurou pelo tráfico quer filme

Por Gilberto Amendola

(AE) O alemão Rodger Klingler, de 44 anos, quer assistir à sua via-crúcis no cinema, com a direção do cineasta brasileiro que mais admira, José Padilha. “Acho que ele entenderia minha história, sinto que temos uma conexão. Gosto muito de ‘Tropa de Elite’, por exemplo. Torço para ele gostar do meu livro”, comenta. A obra em questão é “Memórias do Submundo - Um Alemão Desce Ao Inferno No Rio De Janeiro” (Ed. Best Seller), que acaba de ser lançado no país.

A história de Klingler poderia ser apenas mais um daqueles clichês envolvendo um turista alemão + Copacabana + caipirinhas + mulheres quentes = encrenca. O problema é que nesta equação entrou muita cocaína e a ilusão de vida fácil. “Sempre sonhei com o Brasil. Acho que fui brasileiro em outra vida. Meu sonho era viver aí”.

Em meados dos anos 80, quando chegou ao Rio, Klingler pensou em se estabelecer na cidade, trabalhando como cozinheiro. “Mas conheci umas pessoas erradas e acabei me envolvendo com o tráfico de drogas”, conta. Antes de cair no pó, Klingler nunca tinha sequer experimentado nada. “Eu tinha horror às drogas. Nunca passou pela minha cabeça experimentar nada.”

Infelizmente, a primeira ‘cheirada’ fez o alemão se sentir mais à vontade com as brasileiras, mais seguro no Rio de Janeiro e aberto para novas amizades. “Se eu tivesse parado por aí... Mas eu percebi que poderia tirar vantagem econômica do meu vício”, diz. Klingler fez uma conta simples. “Um grama de pó, no Brasil, custava R\$ 15 ou R\$ 20. Na Alemanha, era o equivalente a R\$ 1 mil. Achei que ia ficar rico.” A idéia era óbvia: comprar a droga no Rio de Janeiro e vender

na Alemanha. Assim, Klingler conheceu traficantes, subiu o morro e gastou toda sua simpatia de gringo.

Assim, Klingler tentou sair do Rio de Janeiro com 1 kg de cocaína. “Achava que era fácil passar, achava que era só manter a calma,” lembra. Quando Klingler foi pego, começou a segunda parte de sua aventura brasileira. “Foram quase quatro anos de prisão no Rio. Um verdadeiro inferno.” Klingler ficou encarcerado nos presídios de Água Santa, Galpão e Lemos de Brito.

O turista alemão aprendeu a sobreviver na cadeia, enfrentar gente perigosa e a dominar a linguagem dos bandidos.

Para Klingler, o mais aterrador de uma prisão brasileira era a convivência dos policiais com o crime. “Uma vez, homens da polícia, fardados, fizeram uma feira dentro do presídio em que eu estava. Eles vendiam cigarros, drogas e armas para os presidiários. Foi o maior absurdo que eu já vi. Todos os presos andavam armados.”

A história de Klingler terminou razoavelmente bem. Apesar de todos os traumas, ele cumpriu sua pena e conseguiu voltar para a Alemanha. “Ainda tenho saudade do Brasil mas agora minha relação seria outra.”

Ao chegar a seu país, tentou reconstruir sua vida - dando aula de reforço escolar para estudantes. “Percebi também que tinha facilidade para escrever e coloquei algumas coisas no papel. Fiz disso uma profissão, tenho alguns roteiros na Alemanha.” Mesmo assim, ele ainda não conseguiu emplacar o livro por lá. “Só saiu no Brasil. Mas não pude fazer lançamento nenhum. Ainda sou proibido de entrar no meu País.”

Livros mais vendidos

Ficção

Lua Nova

Stephenie Meyer

Eclipse

Stephenie Meyer

Crepúsculo

Stephenie Meyer

A Cabana

William P Young

Vendedor de Sonhos

Augusto Cury

Os Homens que Não Amavam as Mulheres

Stieg Larson

A Cidade do Sol

Khaled Hosseini

Não ficção

Comer, Rezar e Amar

Elizabeth Gilbert

Uma Breve História do Mundo

Geoffrey Blainey

Marley e Eu

John Grogan

1808

Laurentino Gomes

Mentes Perigosas

Ana Beatriz Barbosa Silva

Uma Breve História do Século XX

Geoffrey Blainey

Gomorra

Roberto Saviano

Auto-ajuda

Amo Você

Paula Ramos

Cartas Entre Amigos

Fabio de Melo e Gabriel Chalita

Família de Alta Performance

Içami Tiba

Casais Inteligentes Enriquecem Juntos

Gustavo Cerbasi

Gêmeas

Monica de Castro

Quem me Roubou de Mim

Fabio de Melo